

O PANORAMA.

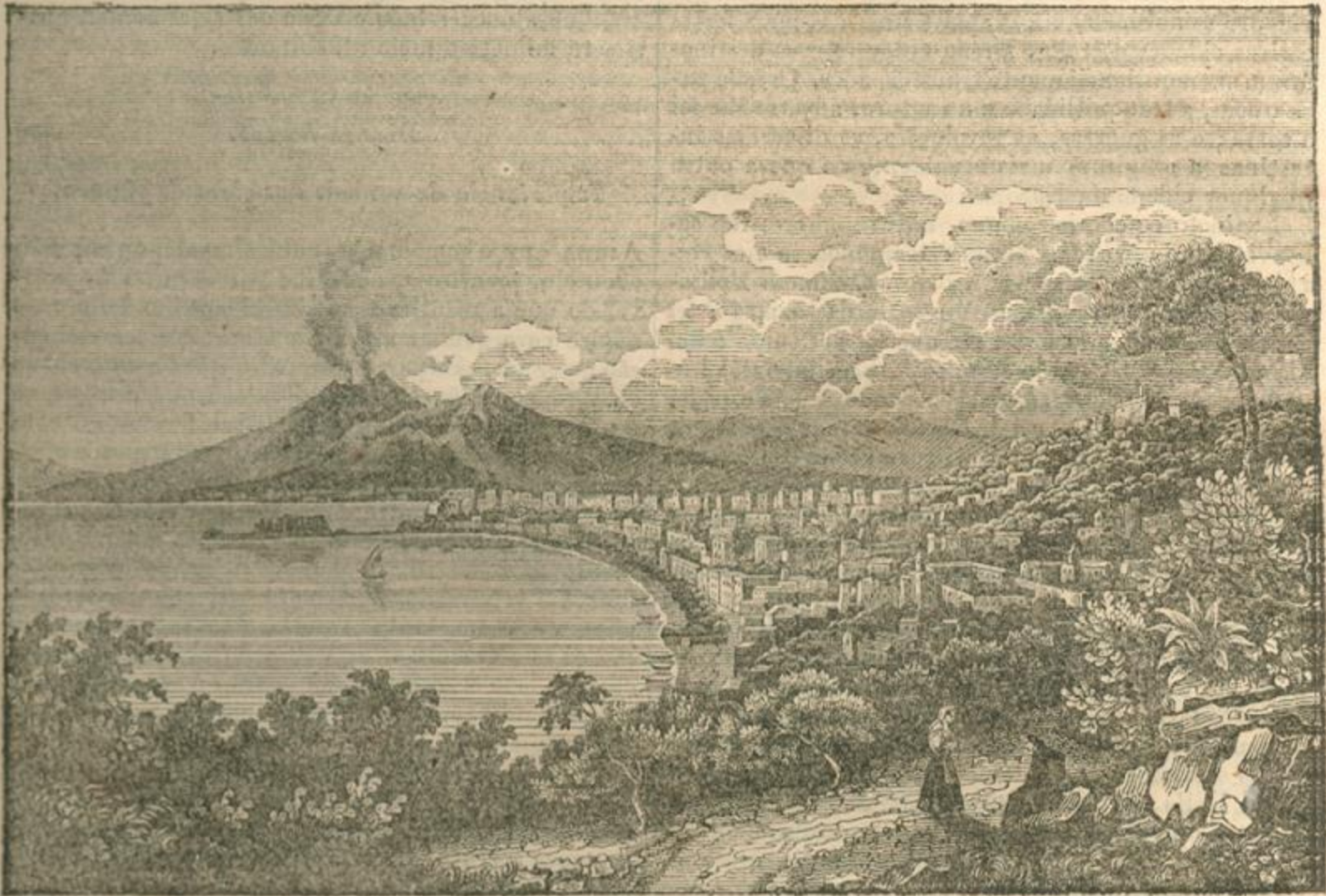
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utels.

81)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (NOVEMBRO 17, 1838)



NAPLES.

“AINDA a tudo isto prefiro a formosa bahia de Napoles:” exclamou o illustre Chateaubriand, quando contemplava as magnificencias do Bosphoro, de que fallam com tanto enthusiasmo os viajantes. Com effeito, o golfo de Napoles, esta cidade assentada em amphitheatro, e o sem numero de maravilhas naturaes e da arte, que por alli se descortinam, perdem infinito nas descripções; só a vista póde dar cabal idéa de tantas bellezas. O mar italiano, que não tem o caracter indomavel, bravio, e grandioso do Oceano, estende brandamente as ondas azuladas para o interior da terra, descrevendo o gracioso contorno d’uma curva de 50 milhas de extensão. Parece que esta conquista das vagas não fôra obra de violencia: as margens não estão dilaceradas, não ha vestigios da invasão; nada inculca a lucta do furor do mar contra a resistencia da terra.

As costas circumstantes oppoem a toda a belleza das aguas contrastes terrestres não menos attractivos. Por um lado, campêa o Vesuvio, com as summidades quasi perpetuamente branqueadas pelas neves, e as encostas calcinadas, nuas, abandonadas a cinzas e a lavas, onde a vista embaça n’uma côr torva, carregada, melancholica: as vegetações rivaes, do Meio-dia e do Septentrião, cobrem-lhe as faldas com immensas alcatifas de verdura; e ás vezes, para completar o quadro desta montanha, a vae junctar com o ceu uma gigante columna de fumo, que por si mesma se verga em fórma de capiteis, de volutas, de abobadas, no momento d’entestar com as nuvens. Aqui se ostenta a natureza toda magestosa, toda sublime; mas, pa-

ra o outro lado, que ineffaveis encantos descobre! Lá se avista o delicioso monte Pausilippo, solemne desafio á melancholia e á tristeza: desta banda todas as scenas do paiz são apraziveis, macias, harmoniosas, e bem acabadas, onde a vista se deleita e descança voluptuosamente: aqui a natureza é toda suave, toda engraçada. O ceu, que tolda este mar, e esta terra, tão formosos, brilha com um esplendor incognito a muitos paizes, e adorna-se com aquellas tintas azuladas, que são a gloria das paizagens do Meio-dia, e a desesperação dos pintores. O ar tepido, embalsamado com os perfumes das plantas, brando, e facil á respiração, espalha por estes quadros um veu transparente que não altera a pureza das linhas, e a clareza das fórmas, mas que dá ao todo uma côr de nuvens raras. No meio destas pompas, no regaço destas delicias naturaes, entre a montanha do Vesuvio e o promontorio de Pausilippo, está situada a feliz Napoles, no mais fundo da bahia. Tão bello clima recordará a patria ao lisbonense, mas só o poderá devidamente apreciar o filho das regiões frias. Já um inglez notavel disse que a lua de Napoles era mais quente do que o sol de Londres.

A data da sua fundação remonta provavelmente á epocha, em que os gregos, mal cabendo nos confins patrios, vieram estabelecer colonias na Sicilia, e nas praias meridionaes da Italia: os seus antigos nomes, Parthenope, Neapolis, justificam a sua origem grega. Começou a florecer no tempo da invasão dos carthaginezes. Napoles abraçou prudentemente o partido dos romanos, e estes, a final vencedores, a tractaram com

estremada benevolencia. No tempo da republica, e mais particularmente no dos imperadores, foi uma das cidades mais favorecidas das que dependiam de Roma. O seu clima brando e saudavel convidava os romanos, avidos de commodidades e de prazeres, e experimentados na arte de os pesquisar: por isso os mais opulentos habitantes da capital italiana abandonaram as margens do Tibre glorioso pelas sombras modestas e apraziveis do Pausilippo. Quando o imperio do Occidente se abismou, era Napoles uma das mais fortes e ricas cidades d'Italia. Desde então os seus destinos foram extraordinariamente transtornados. Creada para o ocio, a tranquillidade e a ventura, adversa lhe foi a sorte; e as guerras, as revoluções, as discordias intestinas a affligiram mais cruamente do que a outra qualquer cidade da Europa.

Extincto o poderio romano, novos senhores lhe sobrevieram do Norte; e foram estes, Odoacro e os Hérulos, Theodorico e os Ostrogodos. O famoso Belisario disputou-a aos ultimos, e a sorte das armas a fez passar de mãos para mãos até que foi destruido o dominio dos Godos: então ficou sujeita ao jugo dos imperadores do Oriente. Começou pouco depois o poder dos lombardos, que, estabelecendo-se em o norte da Italia, se estenderam pouco e pouco até os limites meridionaes da Peninsula: tambem estes conquistaram Napoles. Porém, pelo mesmo tempo, congregava-se no Meio-dia outro povo invasor, que se apossou da Sicilia, e tomou logar na historia europea. A Campânia, e o territorio de Napoles foram os pontos onde embatiam as ondas devastadoras dos barbaros do norte e do Meio-dia, que não eram os unicos competidores de uma presa tão cubigosa. Os imperadores do Oriente faziam d'uma parte armamentos para sustentarem seus direitos, em quanto por outra os imperadores d'Alemanha proclamavam as suas pretensões sobre a Italia, a titulo de successores de Carlos Magno. Quatro potencias, sem contar outros muitos depredadores de inferior jerarchia, espalhavam durante o seculo decimo, toda a casta d'estragos e de males, pelas formosas praias da bahia de Napoles, quando sobrevieram, por certo donde menos se esperavam, novos pretendentes que restabeleceram, relativamente, a ordem e a paz, apossando-se do objecto litigioso. Estes conquistadores foram cavalleiros normandos, heroi-cos aventureiros, e os primeiros que fundaram o reino das Duas-Sicilias, e lhe deram uma prosapia real. Mas ainda bem não eram passados dois seculos, já esta raça tinha desaparecido: ressurgiram pretensões rivaes, origem de violentas commoções. Não havia familia real indigena: tractados e allianças, promessas e doações; e até a força descoberta, foram outros tantos titulos para soberanias estrangeiras, cada uma das quaes teve seus dias de triumpho e de dominio. Deste modo a França, a Alemanha, a Hespanha deram successivamente príncipes a Napoles, ou sobre ella reinaram em seu proprio nome; e a Hespanha foi a mais constantemente triumphante. Do tronco hespanhol proveio a actual dynastia, que começou a occupar o throno das Duas-Sicilias, proclamado reino independente pelo meiado do seculo passado, quando o infante D. Carlos o deixou, para cingir a corôa d'Hespanha, cedendo-o ao infante D. Fernando, o terceiro dos seus filhos, em 1759. — O governo desta familia soffreu uma interrupção durante o regimen intruso de Murat, cunhado de Buonaparte.

A historia de Napoles é fertil em factos curiosos, e variados, como é fecundo e interessante o seu territorio. Descrever este, e narrar aquelles, seria materia para muitos volumes. A visinhança do Vesuvio, das excavações de Pompeia e Herculaneo, e de um sem numero de phenomenos naturaes, de restos da anti-

guidade, e de prodigios da arte, offerecem neste pair, abundante em recordações e em maravilhas, ampla arena para as indagações do historiador, do antiquario, e do naturalista, e não pequena somma d'inspirações ao poeta. Virgilio no fim do seu immortal poema, as Georgicas, fez o elogio do formoso ceu de Napoles.

... Me dulcis alebat

Parthenope...

Napoles, segundo Vosgien na edição moderna, conta 400:000 almas, e todo o reino das Duas-Sicilias quasi sete milhões e meio d'habitantes.

BELLAS-ARTES.

Importancia da verdade nas obras de pintura.

AINDA QUE o homem seja, naturalmente, ou por máu exemplo, mentiroso, nada lhe parece mais desprezivel do que a mentira: e a sinceridade é o meio mais seguro para ganhar a sua confiança, e a sua estimação; por isso nos pareceu inutil formar aqui o elogio da verdade. Não ha uma só pessoa que a não ame e não sinta todo o attractivo da sua formosura. Se ella nada presta, nada se estima. Della carece a razão, a equidade, e o bom juizo: della carecem todas as perfeições. É o alvo das sciencias: e todas as artes que tem por objecto a imitação, se practicam somente para instruir e para divertir os homens por uma fiel representação da natureza, que é a verdade physica. Assim, tanto os que tractam as Sciencias, como os que exercitam as Bellas Artes, não se podem chamar bem succedidos, em quanto não acham o que elles consideram como a unica recompensa das suas fadigas.

Além da verdade geral, e commum, cada Sciencia, e cada uma das Bellas Artes tem outra verdade particular. O nosso designio é fallar somente da que pertence á pintura, e dizer quanto o pintor interessa em se fazer capaz de a bem exprimir.

Antes porém de entrar no discurso havemos de reflectir, que não obstante ser o objecto natural verdadeiro, e o pintado fingido, nós chamamos verdade a esta mesma ficção, quando ella imita perfectamente o character do seu modelo. É pois esta verdade pinturesca, que nós pretendemos descobrir, para mostrar o seu valor, e a sua absoluta, e indispensavel utilidade.

Há tres castas de verdade em pintura: 1.^a A verdade simples: 2.^a A verdade ideal: 3.^a A verdade composta, ou perfeita. A simples, a que nós chamamos primeira verdade, é uma imitação fiel dos movimentos expressivos da natureza, e dos objectos, taes como elles se apresentam á vista do pintor que os escolheu, de sorte que as encarnações pareçam verdadeiras carnes, as roupas, verdadeiras fazendas de linho, de lã, ou de seda; e que cada objecto em particular conserve o verdadeiro character da sua natureza, dando-lhe um vulto apparente pela boa intelligencia do claro-escuro, e da união das côres; e um tom harmonioso pela exacta degradação da côr local, e da perspectiva aerea.

Esta verdade simples acha, em todas as sortes de naturaes, os meios de conduzir o pintor ao seu fim, que é uma sensivel, e viva imitação da natureza, de modo que as figuras pareçam, por assim dizer, que rebresáem do quadro, para entrar em conversação com os espectadores. Cumpre advertir que na idéa da verdade simples não devem entrar as perfeições de que ella pôde ser ornada pelo genio do artista, ou pela theoria da Arte.

A verdade ideal pelo contrario da simples, é uma

escolha de diversas perfeições, que nunca se acham unidas em um só modelo, mas que se extráem de muitos, e ordinariamente do antigo. A verdade ideal comprehende a abundancia dos pensamentos, a riqueza das invensões, a conveniencia das posturas, a elegancia dos contornos, a escolha das bellas expressões, a nobre simplicidade das roupas; em fim, tudo o que póde, sem alterar a primeira verdade, faze-la mais aprazível, e mais conveniente. Mas todas estas perfeições applicadas á pintura, não podendo subsistir senão em idéa, tem necessidade d'um sugeito legitimo que as conserve, e que as faça apparecer vantajosamente; e este sugeito é a verdade simples, verdade que subsiste por si propria, e que só póde temperar as perfeições que a acompanham, pois que só ella as anima, e as faz brilhar; e se não póde conduzir á imitação sublime, ou escolhida, conduz ao menos á imitação da natureza que é o essencial da pintura. Bem sabemos que a verdade ideal guia o pintor por uma senda mais elevada, mas pela qual, não podendo chegar ao fim da sua arte, é constrangido a ficar no caminho, e a ficar para sempre se não se valer da simples verdade. Isto supposto parece que ambas ellas devem compor um todo perfeito, e se devem mutuamente socorrer, com tanto que a simples natureza penetre, e appareça sempre por entre todas as perfeições alheias com que a quizerem enfeitar.

A terceira verdade, composta da simples, e ideal, faz o complemento da arte, e a perfeita imitação da bella natureza. É este bello verosimil, que muitas vezes parece mais verdadeiro, do que a mesma verdade; porque nesta combinação a verdade simples prende o espectador, salva muitas negligencias, e se faz sentir imperceptivelmente primeiro que tudo o mais.

Esta terceira verdade é um alvo, aonde ainda ninguem acertou. Os mais habéis são os que tem dado mais perto. A simples, e a ideal tem tido partidistas, segundo o genio, e a educação dos pintores que as tem possuido. Jordão, Ticiano, Pordenon, o Palma velho, os Bassanos, e toda a eschola veneziana seguiram a primeira: mas a segunda teve por sequazes Leonardo de Vinci, Rafael, Julio Romano, Polydoro, Poussin, e outros. Rafael, além das bellezas ideaes, possuiu uma parte consideravel da verdade simples, pelo qual motivo se approximou á verdade perfeita mais que nenhum outro da sua nação. Com effeito parece que para bem imitar a natureza na sua variedade, este inimitavel pintor se servia de tantos naturaes differentes, quantas eram as diversas figuras, que elle queria representar. Se mudava alguma cousa, era tão somente para fazer as feições mais regulares, e mais expressivas, conservando sempre a verdade, e o caracter singular do seu modelo. Ainda que elle não conheceu inteiramente a simples verdade nas outras partes da pintura, tinha comtudo um tal gosto pela verdade em geral, que ainda nas cousas menos significantes consultava a natureza, e as desenhava sobre o papel effectivamente como ellas eram, e só transportando-as ao quadro é que as emendava segundo a idéa que tinha da belleza do antigo: procedimento admiravel, que contribuiu muito para o elevar acima de todos os pintores modernos!

Como a verdade perfeita é um composto simples, e ideal, póde dizer-se que os pintores são habéis, segundo o gráu em que possuem as partes de ambas, e segundo a facilidade que tem adquirido de fazer dellas um bom uso na sua composição.

Depois de ter estabelecido a verdade da pintura, devemos examinar se os pintores que tem exaggerado os contornos das suas figuras, para parecerem entendidos, não tem desprezado a verdade, saindo dos seus limites, simples, e regulares,

Como os pintores dão o nome de *caricatura* a tudo o que é exaggerado, ou encarecido, e todo o encarecimento se aparta do verosimil, é certo que qualquer caricatura fica sendo incompativel com a verdade que estabelecemos. Todavia ha contornos exaggerados que agradam, por serem mui superiores á baixeza apparente do natural ordinario, e terem um ar de liberdade, e uma certa idéa de magisterio, que agrada á maior parte dos pintores que por isso dão o nome de *grande maneira* a esta sorte de exaggerações.

Porém aquelles que tem uma verdadeira idéa da correcção, da simplicidade regular, e da elegancia da natureza, desapprovam estas caricaturas, que alteram sempre a verdade. Não se póde comtudo deixar de louvar em algumas grandes obras as cousas exaggeradas, quando a distancia donde hão de ser vistas, é sufficiente para as modificar, ou quando são empregadas com uma discrição que faz mais sensível o caracter da verdade.

Alguns pintores, em diversos tempos, longe de procurarem uma justa moderação no seu desenho, tem antes affectado excessivamente os contornos, e pronunciado os musculos, ultrapassando as balizas da arte; querendo deste modo passar por habéis em a anatomia, e dar um tal caracter ao seu desenho, que podesse attrahir a estimação da posteridade. Mas esta pertença, assim como os seus quadros, tem um certo ar de pedanteria, mais capaz de diminuir a belleza das obras que de augmentar a reputação de seus auctores.

É verdade que o pintor é obrigado a saber a anatomia, as exaggerações convenientes que ella permite; porque a anatomia é o fundamento do desenho, e porque certas exaggerações podem conduzir á perfeição aquelles que sabem aproveitar o que é preciso, e regeitar o inutil, para unir a correcção do desenho com o bom gosto da pintura. Ellas parecem muito agradaveis nos desenhos, que nunca são mais que meros pensamentos dos quadros; e o pintor entendido póde utilmente servir-se das caricaturas, quando começa, ou esboça a sua obra; mas deve evita-las com o maior cuidado, quando quer que o quadro appareça na sua perfeição.

Em fim as estatuas antigas que tem passado em todos os tempos pela regra da belleza, como tambem as obras dos seus imitadores, taes como Rafael, Poussin, Dominiquino, e outros, são exemptas de toda a affectação, e caricatura.

A affectação não só desagrada, mas deprime a natureza porque se contrahe o mau habito, a que os pintores chamam *mancira*. Para bem entender este principio, cumpre saber, que ha duas classes de pintores: alguns, que são em pequeno numero, pintam segundo os principios da sua arte, e fazem obras em que a verdade, sendo assaz sensível, pode prender o espectador, e causar-lhe muito prazer. Outros pintam somente de practica, por um habito de ligeireza que tem contrahido, sem raciocinarem, ou que tem adquirido de seus mestres sem reflectirem. As vezes acertam ou pelo acaso, ou pela retentiva, mas sempre são vulgares quando se servem só do que sabem. Como raras vezes consultam o natural, e quando o consultam, reduzem-no á sua maneira, nunca chegam a exprimir esta verdade, ou esta verosimilhança, que é o unico objecto do verdadeiro pintor, e o fim da pintura.

É certo que, entre todas as Bellas-Artes, a pintura é aquella em que a verdade se deve achar mais visível. As outras não fazem mais que despertar as idéas das cousas ausentes, ao mesmo passo que a pintura as suppre inteiramente, e as faz presentes pela sua essencia, que não consiste só em agradar aos olhos,

mas em os enganar. Apelles fazia os retratos tão verdadeiros, e tão semelhantes no ar, e em todas as partes do rosto, que um certo phisionomista em os vendo dizia qual era o genio e caracter da pessoa retratada. Este grande pintor punha pois mais cuidado em observar a verdade nos seus retratos do que em os alterar para os favorecer. Com effeito a verdade tem tantos, e taes encantos neste caso, que deve ser preferida ao socorro de uma formosura estranha; porque sem verdade os retratos não podem conservar mais que uma idéa vaga, e confusa dos nossos amigos, e não o verdadeiro gesto dos sujeitos que representam.

Que se deve concluir de tudo o referido, senão que há na pintura uma primeira verdade, uma verdade essencial, que conduz mais directamente o pintor ao seu fim; uma verdade animada, que não só subsiste, e vive por si mesma, mas que dá a vida a todas as perfeições de que ella é susceptivel, e de que a quizerem revestir: e que estas perfeições não são mais que segundas verdades, as quaes por si sós não tem movimento algum, ainda que façam muita honra á primeira, quando se unem com ella? E esta primeira verdade na pintura é, como temos dicto, uma imitação simples, e fiel dos movimentos expressivos da natureza, e dos objectos, taes quaes elles se apresentam aos nossos olhos com a sua variedade, e o seu caracter.

É pois facil de concluir, que todo o pintor, que não somente menosprezar esta primeira verdade, mas que não tiver um grande cuidado de bem a conhecer, e de a adquirir primeiro que tudo, edificará sobre a arêa, e nunca será reputado por um verdadeiro imitador da natureza; porque toda a perfeição da pintura consiste nas tres castas de verdade, que temos estabelecido.

EFFEITOS DO TERROR.

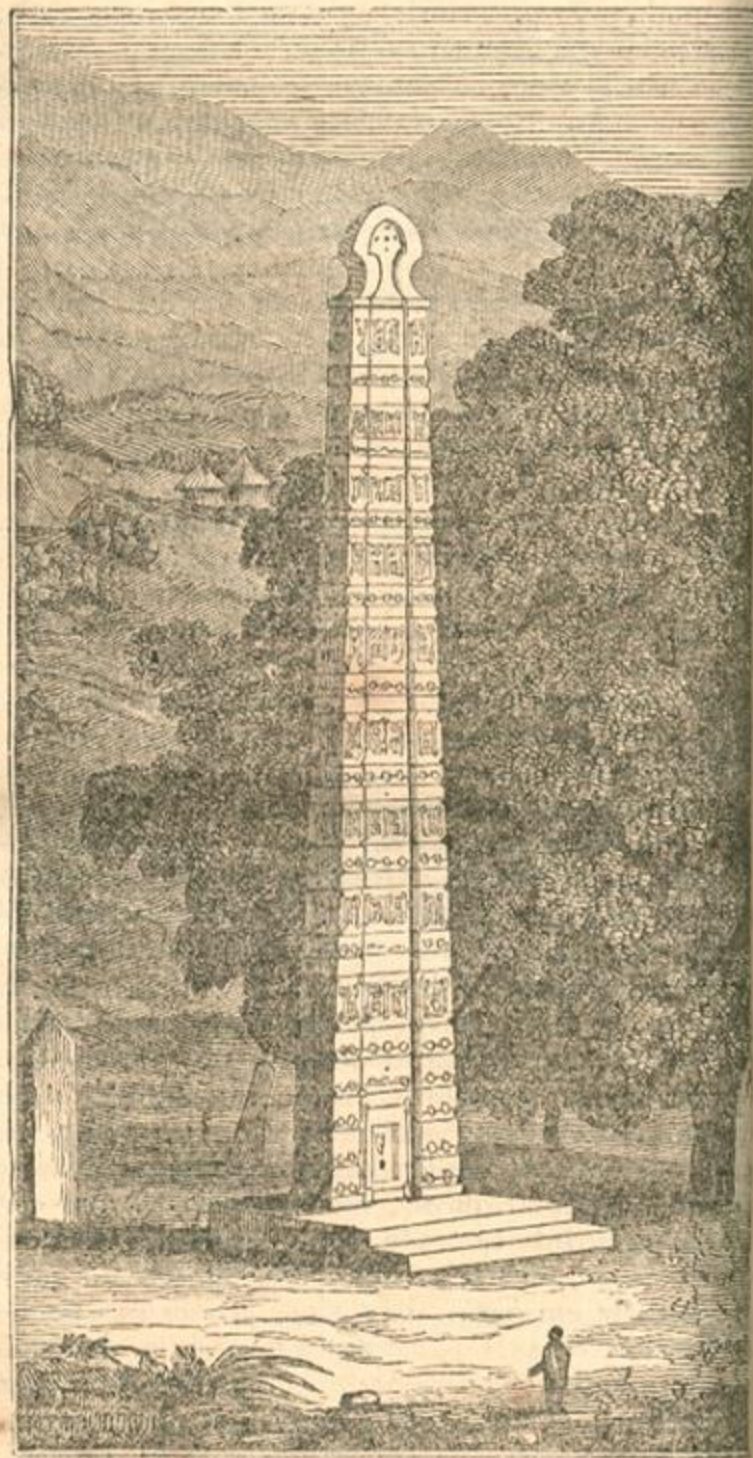
HA PESSOAS que tem o costume de metter medo ás creanças, e até a pessoas feitas, por modos taes, que d'ahi se originam molestias nervosas, mudez, e muitas vezes a morte de individuos. Pessimo costume é este de que todos se devem abster. Os effeitos que o terror subito póde causar se verão do seguinte caso uccedido ha annos na Prussia.

Jorge Grochantzy, polaco, que se tinha alistado como soldado ao serviço do rei da Prussia, desertou em tempo de guerra. Mandaram uma escolta a perseguir-lo, e esta foi dar com elle, de salto, cantando e dançando com uns poucos de camponeses, que se estavam divertindo. Este acontecimento subito, e imprevisto, fez no criminoso tal impressão, por se lembrar de que a consequencia necessaria era o ser espingardeado, que, dando um grande grito, ficou no mesmo momento estupefacto e insensivel.

Conduziram-no para Glogau, onde o metteram em conselho de guerra. Deixou-se levar á presença dos juizes, á vontade dos que o guardavam, sem proferir uma só palavra, nem mostrar que sabia o que lhe acontecera, ou havia de acontecer. Onde quer que o punhamahi ficava, immovel como uma estatua, e indifferente a tudo o que se passava ao redor d'elle. Em quanto esteve no calabouço, nem comeu, nem bebeu, nem satisfez as demais precisões naturaes. Mandaram-lhe alguns camaradas a visita-lo, depois de ter sido examinado por varios officiaes e sacerdotes. Conservou-se sempre no mesmo estado, sem dar o minimo signal de sensibilidade. Promessas, rógos, ameaças, tudo foi para com elle baldado.

Os medicos que em tal caso se consultaram enten-

deram que elle estava em estado de completo idiotismo. Suspeitou-se a principio que estas apparencias eram fingidas; mas taes suspeitas se desvaneceram, quando se soube que não tinha recebido alimento nenhum, e que a maior parte das funcções naturaes e involuntarias haviam cessado nelle. Passado algum tempo, tiraram-lhe os ferros, e lhe deram liberdade de ir para onde quizesse. Recebeu a ordem de soltura com a mesma insensibilidade que mostrára antecedentemente: ficou firme e immovel: seu olhar era espantado; e os musculos do rosto contrahia-os tanto como se fosse um defuncto. Passou 20 dias neste estado, sem comer, nem beber, e no fim delles expirou. Tinham-lhe ouvido dar de vez em quando profundos suspiros; e certa vez correu para um soldado que tinha um cantil com aguardente, tirou-lho da mão, bebeu com grande soffreguidão, e depois largou no chão o cantil.



OBELISCO DE AXUM.

SITUADA na Abyssinia está a cidade de Axum, distante obra de 120 milhas de Arquico [*], nas costas do Mar Vermelho. A maior curiosidade desta cidade é o obelisco, de que damos estampa, copiada da moderna viagem de Salt, que foi consul inglez no Egypto. Nas visinhanças deste notavel monumento, que é de granito, inteiriço, e que terá uns sessenta pés de altura, ha vestigios de outros menores de igual

· (*) Arquico, segundo o A. de Fernão Mendes Pinto; os inglezes escrevem Arkoko.

fôrma ou muito parecida: diz-se que ao todo eram antigamente cincoenta e cinco, e quatro delles tamanhos como o que ao presente está de pé. Este obelisco, nem tem geroglyphicos como os do Egypto, nem se assemelha exactamente a estes: posto que seja quadrilatero, tem n'uma das faces um vão cavado desde a base até o vertice, o qual acaba pyramidal como os obeliscos regulares: no fundo daquelle vão ha uma porta fingida. A epocha e o fim da sua inauguração jazem em perfeita obscuridade.

Sabe-se que o reino dos axumitas foi celebre e florescente; e que os Cesares de Constantinopola lhe pagavam certo tributo annual, talvez para proteger o commercio indiano dos negociantes gregos que iam pelo Egypto. Os escriptores Byzantinos, e o Periplo do Mar-roxo tractam dos axumitas; do que se collige que este povo era já conhecido no principio da era christã. Talvez, até, que a sua ascendencia seja grega; porque é provavel que tendo-se os gregos apossado do Egypto, depois da morte de Alexandre, fossem alguns aventureiros desse povo inquieto atravez da Ethiopia fundar aquelle estado misturando-se com os naturaes. Póde assim crer-se, porque entre as antiguidades de Axum ha uma pedra com duas inscripções, uma em caracteres ethiopicos, e outra em grosseiros caracteres gregos, a qual foi copiada pelo citado Salt. Desta inscripção houveram conhecimento os jesuitas. Veja-se o P.^o Telles na sua Historia da Ethiopia. 1.^o capitulo 22. Axum foi provavelmente a primeira parte da Abyssinia, onde entrou o catholicismo. Na Apologia de St.^o Athanasio vem uma copia de uma carta do imperador Constantino mandada áquelle reino, ácerca de Frumencio, que parece ter sido nomeado bispo de Axum.

BOLIVAR.

II

A GUERRA com os hespanhoes continuou ainda durante o anno de 1820 e primeiro semestre de 1821. — Morillo partiu para a Europa, deixando em seu logar o general La-Torre. Uma victoria decisiva, ganhada juncto de Valencia por Bolivar, concluiu a guerra em Venezuela. As reliquias do exercito hespanhol se acolheram á fortaleza de Porto-Cabello, onde as sitiou e rendeu o general Paez. Proclamou-se então uma Constituição; acabaram os hespanhoes de ser expulsos da provincia de Quito, e Bolivar, requerido pelo general San-Martin, fundador da independencia do Peru, marchou para aquella republica, levando consigo um exercito escolhido. Não o esperaram os realistas. Lima, capital do Peru, foi evacuada; adoptou-se uma Constituição; e no anno seguinte [1824] Bolivar foi eleito dictador pelo congresso. Apesar das intrigas dos diversos bandos elle proseguiu na guerra; atravessou os Andes, derrotou os hespanhoes nas planicies de Juniu, e, deixando os generaes Sucre e Miller para acabarem a guerra, voltou a Lima, onde convocou um congresso e resignou o poder de dictador. Partiu depois para o alto Peru, e d'alli para Chuquisachoa capital das provincias que se tinham separado do governo de Buenos-Ayres. Neste ponto foi recebido com tão extraordinario entusiasmo, que o congresso dos representantes decretou que a republica tomasse a denominação de Bolivia; e Bolivar o titulo de seu defensor perpetuo. Em Janeiro de 1826 voltou elle a Lima, e em Maio mandou apresentar ao congresso de Bolivia o famoso codigo boliviano. Depois disto se reuniu por sua intervenção um congresso de deputados das diferentes republicas, em Panamá, formando assim uma especie de

conselho de amphictyões, para discutir os objectos de interesse geral, e decidir as questões entre umas e outras republicas. Entretanto o codigo de Bolivar foi promulgado em Bolivia, e depois adoptado pelo congresso de Lima, que elegeu o mesmo Bolivar presidente da republica.

Porém a ausencia de Bolivar tinha produzido graves desordens em Colombia. Paez tinha feito um levantamento em Venezuela para estabelecer o governo federal em vez de central: outra porção da republica pertendia adoptar o codigo de Bolivia, segundo o qual o presidente era vitalicio e nomeava o seu successor. Nestas circumstancias, Bolivar, que via já, em Lima, os espiritos inquietos contra elle e contra as tropas de Colombia, deixou estas ahi, e partiu para Bogotá. Tomando nas mãos o poder supremo, como a constituição lh'o concedia, com suavidade e brandura fez acalmar as dissensões intestinas: Paez ficou commandando as forgas de Venezuela; e Bolivar pediu a sua demissão. Não lh'a quiz dar o congresso; e elle continuou a exercer a suprema auctoridade, apesar de uma opposição violenta.

Entretanto uma violenta revolução rebentou em Lima e em Bolivia; o codigo boliviano foi regeitado; nomeou-se outro presidente; e as tropas colombianas, que tinham em grande parte concorrido para a revolta, voltaram para Colombia, onde Bolivar lhes perdoou a sua infidelidade.

As perturbações continuaram todavia em Colombia, até que os habitantes de Bogotá se resolveram, em 1828, a revestir Bolivar do titulo de chefe supremo de Colombia, com poder quasi absoluto, o que exasperou de todo o partido opposto. Accommettido certa vez na sua camara por um bando de assassinos, escapou a custo de ser morto. O general Santander, antigo vice-presidente da republica, convencido de ser um dos cabeças da revolta, foi condemnado á morte, mas, por mercê de Bolivar, só desterrado. Em 1829 começaram novos disturbios: Bolivar accusado de tyrannia viu levantados contra si os generaes Cordova e Paez. Este, homem ferocissimo, declarou Venezuela independente de Colombia, e fez-se eleger presidente. Nestas circumstancias Bolivar reuniu um congresso em Bogotá, abdicou a presidencia, e apesar de todas as supplicas, largando inteiramente o poder, se retirou para Carthagena; onde ainda outra vez lhe mandaram pedir voltasse a tomar o mando, o que constantemente recusou.

Deteriorada gravemente a sua saúde, e em Dezembro de 1831 por uma carta elle se despediu do povo de Colombia. Nesta carta justifica o seu procedimento, e se queixa da injustiça dos seus calumniadores. Uma semana depois de escrever esta carta expirou, em S. Pedro, juncto a Carthagena, aos 17 dias de Dezembro de 1831, tendo de idade quarenta e oito annos.

Bolivar era um homem de mediana estatura, trigueiro tirando a azeitonado, de cabello preto, basto, e um pouco revoltado; olhar vivo, quando a conversação o animava. A expressão do seu rosto era a d'um homem cheio de cuidados; e os grandes trabalhos que passara lhe tinham dado, na idade de 45 annos, o aspecto de um homem de 60. Dotado de compleição robusta, era capaz de soffrer grandes fadigas: cavalleiro habilissimo, nunca tirava as botas e esporas, e até com ellas dançava. Tinha sempre boa mesa; mas era excessivamente abstemio.

Tem-se comparado Bolivar a Washington; mas, faça-se justiça ao primeiro, as suas circumstancias eram mui diversas. O libertador da America hespanhola, nem teve socorros estrangeiros, nem Franklins, nem Jeffersons, que o ajudassem com seus com-

selhos. Por outra parte Washington achou um povo maduro para a liberdade; Bolivar um povo ignorante, sem divisão de propriedade, escravo, e vicioso. Os generaes que o ajudaram eram taes, que Arismendi [por exemplo] não sabia ler nem escrever; Paez era um mulato selvagem, guardador de touros; e assim por diante. Foi com taes meios que elle venceu boas tropas hespanholas, capitaneadas por officiaes habéis, entre os quaes se encontra o grande nome de Morillo.

CHICHISBEUS.

A PALAVRA italiana *cicisbéo*, foi introduzida na nossa lingua para significar aquelle que faz cortejo amoroso a qualquer dama, e que por isso a segue por toda a parte. Ordinariamente indica-se com este vocabulo um homem cujo amor é illicito ou ridiculo, ou ambas as cousas.

O caracter e officio de chichisbéu tem sido objecto de graciosos motejos contra os italianos: todavia, na sua origem não havia mais que notar neste officio do que no das *duenas* hespanholas. Era o resultado da depravação dos costumes, e do ciúme dos maridos. Usavam estes escolher algum amigo intimo e discreto, em quem confiassem, para que fosse o guardador da fidelidade conjugal. Taes guardadores deviam ser homens já de idade madura, e nada galantes, nem de rosto nem de figura. Mas como todas as cousas, ainda que sejam feitas com as melhores intenções, degeneram com o tempo, o caracter dos chichisbéus se alterou, e tornou-se em moda que elles agradassem não ao marido, mas á mulher. Cresceu o abuso a tal ponto, que a escolha deste creado amigavel se tornou em negocio de familia, e chegou a entrar nos artigos de qualquer contracto de casamento; porque o chichisbéu uma vez escolhido, raro ou nunca se despedia; de modo que no seculo passado, se qualquer senhora tinha um chichisbéu de que não gostava, todos se compadeciam della. Em Lucca era onde este officio gozava de maior estima; sendo vulgar acharem-se alli chichisbéus que serviam e acompanhavam suas senhoras durante quarenta ou cinquenta annos; e que exteriormente pareciam tão assíduos em obsequia-las como se elles e ellas estivessem ainda na flor da mocidade. As obrigações deste cargo eram acompanhar a dama, para onde quer que ía, estar com ella no toucador, e até segui-la aos pés do confessor, onde o chichisbéu lhe guardava o leque, as luvas, o livro de resa, e o cãozinho fraldisqueiro.

MODO DE CONHECER AS FOUCES DE BOA QUALIDADE, E DE AS AMOLAR.

É cousa de summa importancia para lavradores o saberem distinguir as fouces de boa qualidade das que são más, e conhecerem os defeitos deste utensilio. Estes defeitos provém da qualidade do aço ou do ferro, e da maneira porque foram temperados, de sorte que parte da fouce póde sair durissima e a outra muito macia, porque em certo logar domina o aço na mistura do ferro e aço, e n'outro domina o ferro.

Quem quizer conhecer a desigualdade da mistura ou a sua identidade tomará uma faca, com o gume da qual dará alguns golpesinhos no fio da fouce. Pelos signaes que os golpes deixarem se conhecerá a bondade de cada uma das partes experimentadas. É certo que os mercadores de ferragens não hão-de consentir de muito boa vontade em que se faça esta experiencia. Não havendo faca, fará as suas vezes uma

limasinha macia, que se deverá correr por todo o fio, notando-se os logares da fouce em que ella entrar com pouca ou muita facilidade, para á vista do resultado julgar o comprador se lhe faz ou não faz conta. A pedra de afiar tambem demonstra os defeitos.

O primeiro cuidado d'aquelle que tiver comprado uma fouce, sem primeiro a experimentar da maneira que aconselhámos, deve ser o de procurar descobrir-lhe os defeitos, por algum dos tres modos indicados, principalmente por algum dos ultimos, e marcar na folha, com um instrumento pontagudo os logares molles e os logares duros.

Quando quizerem reparar o fio nos sitios molles, devem molha-los com agua fria, assim como o martello e a bigorna até o fio ficar prompto; pelo contrario quando tiverem de trabalhar em logares duros tudo deve estar secco. As martelladas dadas em secco destemperam e amaciam algum tanto a folha; porém a agua fria da-lhe uma tèmpera mais rija.

Nem todos os ferreiros sabem bater a lamina de uma fouce, e muitos as deitam a perder, deixando-lhe o fio desigual ou revirado. É preciso que sejam batidas por igual, e sempre conforme o requer a qualidade do ferro, no logar em que dão as martelladas.

O gume das fouces que hão-de servir para ceifar hervas cujos talos são grossos e duros, taes como a luzerna, &c. deve ser curto; mas o das que tiverem de cortar hervas delgadas convém que seja comprido e muito chato. Estes conselhos não os deve tambem perder de vista quem tiver de afiar as folhas das fouces na competente pedra de amollar.

MESTRE GIL.

(Chronica do seculo 15.º)

II

A APOSENTADORIA.

1483.

COMEÇAVA o dia 20 de Junho do anno do Senhor de 1483 — e já antes de amanhecer se viam discorrer pelas ruas da cidade d'Evora muitas pessoas, que se encaminhavam para o palacio do conde de Olivença, onde então pousava elrei D. João 2.º, e d'alli tomavam para a praça publica. Eram peões e cavalleiros os que tão cedo madrugavam. Soava um borborinho de vozes confusas, semelhante ao ruido que se ouve ás vezes no meio da calma do oceano, e que presagia o rebentar de horrorosa procella. O ar estava grosso e humido; e o clarão affogueado da aurora rompia a custo por entre a nevoa espessa, que toldava os ares.

“Abride, mestre Gil; abride!” — dizia em altos brados um homem, que com o cabo de um machado batia rijo á porta do barbeiro da córte.

Mestre Gil dormia descansado o tão aprazivel sono matutino, ao lado da sua mui respeitavel consorte, Brazia Fernandez, roncando e assobiando, os dois de concerto, certas harmonias, que, se Mayerbeer as tivesse escutado, não deixaria de as introduzir em alguma scena do seu Roberto do Diabo; tão bravias, destemperadas, horriveis, e por consequencia romanticas, lhe pareceriam. Foi Brazia Fernandez a primeira que despertou com o ruido que faziam á porta, e ao segundo reclamo, abanando o corpo globoso de seu marido, lhe gritou aos ouvidos:

“Acordae, Gil, que rompe o dia, e vozes ouvi á porta, que vos chamam. Algum pagem que quer os cabellos trosquiados, para...”

“Má peste os mate! — Que vão ao diabo, que os trosquie.” — Disse mestre Gil, voltando-se para o outro lado.

Mas ainda bem não acabára de pronunciar estas palavras, novas pancadas, e vozes repetidas, chamavam mestre Gil. Augmentavam a infernalidade do ruído os gritos de Brazia Fernandez, com que ella buscava despertar o marido, e que por si sós bastariam para acordar os sete dormentes. Mestre Gil affeito a elles, fazia orelhas de mercador; mas por fim temendo as vias de facto, não teve outro remedio senão saltar do eatre em que jazia. — As apalpadelas, e meio a dormir, enfiou as calças e o gibão, e, não achando os borzeguins, correu descalço á porta, que parecia vir dentro com os couces e contoadas que nella pregavam.

“São isto modos de acordar um christão? — gritou elle de dentro — A estas horas em que apenas começa a divisar-se o arrebol da manhaã? Que quereis vós outros tão cedo? Esperae que nasça o sol: então vos trosquiarei.”

Nada; não é isso. Abride vossa porta, que vimos com pressa.”

Seja camanha quizerdes. Se fosse para sangrar alguém, vá: mas para aturar vossas madrugadas não é mestre Gil. Ide a Pero, que mais abaixo pousa, que esse, de certo, não deixará de vos fazer o cabelo.”

Dizendo isto, examinou se a porta estava bem fechada; correu de todo o ferrolho, e voltou para a alcova. Infelizmente a senhora Brazia se havia então erguido em anagua para vir metter na disputa a sua voz de virago: a meio caminho, os dois consortes toparam em cheio, como dois cavalleiros na liça, e mestre Gil foi ao chão.

Por fortuna sua a queda não foi de perigo: tinha recebido o encontro juncto da cama da escrava moura, que dormia ao pé da alcova, e que aproveitava, sem lhe importar o ruído, as poucas horas de descanso e liberdade, que seus senhores lhe deixavam. Caindo sobre a enxerga da escrava, mestre Gil acabou de acordar; e levantando-se a custo, fez o signal da cruz, e, depois de resar ao anjo da guarda, exclamou:

“Bom prol me traga o dia; mas os começos são de damnado agouro.”

Passaram alguns momentos em que tudo esteve em silencio. Brazia Fernandez começava a fazer o calculo das perdas que lhe proviriam do máu modo de seu somnolento marido, quando outra voz, bem diversa da que primeiro se escutára, gritou da banda de fóra:

“Da parte d'elrei abride vossa porta, que se o não fizerdes prestes, irá dentro a golpes de machado, e vós da cadeia aprendereis a obedecer aos mandados da justiça.”

Calçava mestre Gil os borzeguins quando taes palavras soaram; e Brazia que mais prestes se attaccára, ouvindo a formula, e a voz do aguazil da côrte, que tantas vezes fôra rapar as barbas a casa de mestre Gil, abriu logo a porta, e fazendo mil mesuras, procurou desculpar seu marido, a quem o somno, e o não saber o que queriam, fizera descortez.

“Compadre, se eu soubesse que ereis vós, certo que vos não fizera esperar: atalhou mestre Gil que chegava: mas tanto somno tinha, que vos não conheci a voz.”

Atraz do aguazil entrava de roldão um grande tropel de populares, que pelas ferramentas que traziam nas mãos pareciam carpinteiros: era este o prestito do aguazil.

O barbeiro começou a procurar os instrumentos de que se servia para alindar as caras, que nas mãos do

mestre iam buscar novo alinhó: mas o aguazil lhe disse, rindo-se:

“Compadre, não cureis de tesouras, nem de navalhas: mister de vós hemos para outra cousa.”

“Então para que?” — perguntou assustado o bom do dono da casa.

“Para nos dardes hoje aposentadoria; — a nós, e a um hospede que daqui deve fazer vispere para melhor vida.”

“Vós zombaes!!... Esta casa está ao vosso dispor: mas não queira Deus, que nella faça alguém seu passamento.”

“Certo, que não será *nella*; mas *della*, á fé que sim!”

O sol ía rompendo, e uma cavalgadura parou á porta da casa onde esta scena se passava, que era na praça de Evora, e pertencia a Gonçalo Vaz dos Barços, cujo inquilino era mestre Gil.

“São novos hospedes — disse o aguazil ao barbeiro, escancarando a boca com um riso hediondo — e taes como nunca vós os tivestes. Bem vos amanheceu.”

“Não dizia elle isso ainda ha pouco:” atalhou a falladora tia Brazia, que só ouvira a ultima parte do dialogo, e que, vendo atulhar-se a loja de gente, andava pondo em resguardo todas as cousas que por estarem mais á mão podiam levar descaminho.

Muitas alas de bêteiros vinham postar-se á porta, e por entre ellas caminhava uma possante mula, toda acubertada de dó, tal, que as gualdrapas lhe rojavam pelo chão: della descavalgou um cavalleiro, que por seus mencies parecia pessoa nobre, mas que vinha rebugado em um comprido ferragoulo: logo se apeou outro que vinha com elle de ancas; e ambos entraram em casa de mestre Gil.

Fez-se em todos os circumstantes um silencio sepulchral.

“Dae-nos, mestre, a chave do sobrado, que por cima de vossa loja está, ou antes abri essa casa.”

“Senhor Ruy Telles [tal era o nome do que nas ancas da mula cavalgava] nessa casa estão os trastes e armazem de barços de Gonçalo Vaz; que bem sabeis ser o unico mercador que, em Evora, tem dessa mercadoria. Elle não está agora na cidade...”

“E que me importa? — Atalhou Ruy Telles — Abride, que da parte de sua alteza vo-lo mando, e não queiraes que usemos da força.”

Mestre Gil callou-se: saiu para a banda da escada; abriu a porta, e o cavalleiro desconhecido subiu, acompanhado por varios outros, e por Fr. Paulo, um dos Bons Homens de Villar [*] que naquelle tempo viera á côrte. O barbeiro desceu depois para a loja; e lançou os olhos para o terreiro, onde já estava muito povo apinhado. Carros de traves e taboados começavam de encher a praça: varios homens abriam covas diante da porta do mestre, onde cravaram esteios, com os quaes formaram dois renques de estacaria: sobre estas estacarias pregaram barrotes atravessados, e por cima lançaram tábuas, formando, assim, uma especie de passadigo, que do balcão da casa de Gonçalo Vaz ía dar a um tablado, que, no meio do terreiro, primeiramente haviam alevantado. — Toda esta machina que parecia obra de muitos dias fôra edificada dentro de algumas horas.

Mestre Gil estava de boca aberta, e não podia acreditar o que via, e o que mais é, nem entende-lo. — O povo agitava-se em ondas no meio do terreiro: — balcões, telhados, chaminés, tudo negrejava com gente: mas parecia toda aquella multidão um congresso de sombras, porque nem um grito, nem uma risada, nem um lamento se ouvia. Os bêteiros e espingardeiros, ainda então em diminuto numero, estavam.

(*) Frades loíes.

postados em alas, cubertos de armas escuras, aos lados da praça, e pelo meio della, passavam de vez em quando alguns cavalleiros com suas cotas de côres, debaixo das quaes se viam reluzir, pelas aberturas das cotas, os polidos arnezes; o passo dos ginetes era pausado: havia em tudo isto um aspecto terrivel, e mysterioso.

O barbeiro estava curioso de saber o que significavam todos estes aprestos: havia tres dias que não fôra ao paço . . . uma idéa lhe passou pelo espirito . . . mas repelliu-a como abominavel e impossivel: e todavia se a tivesse admittido, acertára com a verdade! —

Farto de parafusar, saíu da loja: chegou-se a duas ou tres pessoas a perguntar para que eram aquelles apparatus: nenhuma lh'o soube dizer: vendo assim baldadas suas diligencias, mestre Gil voltou outra vez para casa, gritando da porta á mulher.

“Brazia: — não está prompto esse almoço?”

(Continuar-se-ha).

PROPAGAÇÃO DOS BRÓCCOLOS.

NA ENCYCLOPEDIA que actualmente se publica por ordem da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis em Inglaterra, se acha a seguinte receita para a plantação dos bróccolos, ou [como vulgarmente lhes chamam] brocos, que nós convidamos a experimentarem aquellas pessoas a quem se proporcionem os meios de o fazer.

“Como as demais especies de brassicas, os bróccolos se podem propagar não só por semente, mas tambem por via dos troços do tronco principal, tornando-se por esse modo desnecessaria a conservação da semente. Para isto corte-se o tálo, em troços, cada um dos quaes tenha um olho ou borbulha, e sequem-se ao sol por alguns dias estes troços: depois mettam-se com um sacho na terra em que devem crescer, e não se reguem, até que os olhos deem algum signal de crescimento. Para poder haver certesa de bom resultado é necessario que se faça a plantação n'um dia bem secco, e que o chão esteja fofo, e enxuto.

A PRECAUÇÃO.

Quem a seu adversario teve em pouco,
Vimos a suas mãos ficar rendido.
Grandes males e damnos succederam
Por um pouco resguardo ou por descuido.
O capitão na guerra atalaiado,
Não deve temer mais do que a fortuna.
Prudencia é previnir-se em casos leves,
Porque nos grandes possa estar seguro.

Cortereal — Seg. cerco de Diu.

O CHORAR É ALIVIO DE PENAS.

COMO o animo queixoso desaffoga pelas palavras, a alma affligida pelas lagrimas se alivia; e ás vezes se escoa de sorte, que se despeja da dôr; porque o sentimento que muito se chora, não é o que muito dura. O ceu no-lo mostra; porque as tempestades de muita agua não são as mais perigosas; as sem agua trazem logo consigo raios e terremotos. — *D. Francisco Manuel. — Cartas.*

MAXIMAS MORAES.

Amor filial. — O amor filial é uma diminuta porção que restituimos do dinheiro que nos emprestaram.

Amor materno. — O amor materno é uma paixão que não conhece limites, mas que honra a natureza.

Dinheiro. — Os que despresam o dinheiro não se assemelham mal á raposa da fabula.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Novembro 11

1154 — Nasce em Coimbra o infante D. Sancho, filho de D. Affonso Henriques, e depois rei, primeiro do nome.

1546 — D. João de Castro, saindo de Diu, e accommettendo os arraiaes inimigos, os entra e desbarata, pondo assim termo ao memoravel cerco daquelle fortaleza.

12

1528 — Lopo Vaz de Sampaio toma a cidade de Porcá com grande estrago dos mouros.

13

1460 — Fallece em Sagres o infante D. Henrique, filho delrei D. João 1.º Foi o primeiro que promoveu vigorosamente o descobrimento da India.

14

565 — Morte do imperador Justiniano. Foi elle que ajunctou e incorporou todas as leis romanas, fazendo compor o *Digesto* e as *Institutas*. Durante o seu reinado o celebre Belisario ganhou notaveis victorias aos Vandalos e Persas. — Justiniano edificou o templo de Sancta Sophia em Constantinopola.

1716 — Morte de Leibnitz, nascido em Leipsig em 1646. Cultivou a poesia, a eloquencia, a historia, a jurisprudencia, o direito publico, a theologia, a philosophia, e a mathematica. Este ingenho vastissimo foi o erudito mais universal que houve na Europa.

15

1656 — É acclamado elrei D. Affonso 6.º

1787 — Morte de Gluck, um dos mais affamados compositores alemães, e auctor de varias operas estimadas.

16

1603 — Morte de Charron, moralista mui conhecido pelo seu tractado *Da Sabedoria*.

1615 — Francisco de Miranda Henriques com quatro galeões, e dezoito navios de pouco porte defende o porto de Malaca de uma armada do Achem, composta de 500 vellas. Os inimigos retiraram-se destrogados, perdendo no combate cincoenta embarcações.

1629 — Fallece Manuel Sueiro, portuguez por ser filho de Francisco Lopes Sueiro, consnl portuguez em Anvers. — Os seus escriptos [todos em hespanhol] são muito estimados. Os mais notaveis são *Annales de Flandes* em 2 volumes de folio, e as traducções de Tacito, Sallustio, e Velleio-Paterculo.

17

1747 — Morte de Lesage, escriptor francez assaz conhecido pelas novellas, que imitou do hespanhol e que deu por suas, Gil-Braz, Diabo-coxo, Bacharel de Salamanca, Gusmão d'Alfarache, &c.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE,